



ANAIS DE HISTÓRIA DE ALÉM-MAR

Vol. III (2002)

ISSN 0874-9671 (impresso/print)

ISSN 2795-4455 (electrónico/online)

Homepage: <https://revistas.rcaap.pt/aham>

Breve evocação de Luís Filipe Thomaz

António Manuel Hespanha 

Como Citar | How to Cite

Hespanha, António Manuel. 2002. «Breve evocação de Luís Filipe Thomaz». *Anais de História de Além-Mar* III: 509-510. <https://doi.org/10.57759/aham2002.47006>.

Editor | Publisher

CHAM – Centro de Humanidades | CHAM – Centre for the Humanities

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Universidade NOVA de Lisboa | Universidade dos Açores

Av.^a de Berna, 26-C | 1069-061 Lisboa, Portugal

<http://www.cham.fcsh.unl.pt>

Copyright

© O(s) Autor(es), 2002. Esta é uma publicação de acesso aberto, distribuída nos termos da Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0 (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt>), que permite o uso, distribuição e reprodução sem restrições em qualquer meio, desde que o trabalho original seja devidamente citado.

© The Author(s), 2002. This is a work distributed under the terms of the Creative Commons Attribution 4.0 International License (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), which permits unrestricted reuse, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.



As afirmações proferidas e os direitos de utilização das imagens são da inteira responsabilidade do(s) autor(es).

The statements made and the rights to use the images are the sole responsibility of the author(s).

BREVE EVOCACÃO DE LUÍS FILIPE THOMAZ

Embora o tenha tido como colega, durante vários anos, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade Nova de Lisboa, apenas me dei plenamente conta do carácter decisivo das contribuições de Luís Filipe Thomaz para a história da expansão portuguesa quando – preparando um texto sobre história político-institucional do império português do Oriente, para os meus alunos da Faculdade de Direito de Macau –, tive que ler o seu seminal artigo sobre as estruturas político-administrativas do Império Oriental. A ideia, que aí perpassa, é, como se sabe, a de uma oposição estrutural entre um império baseado no controlo efectivo e monótono de um território contínuo, que era o do Império Romano e que tenderá a ser o do Império espanhol, e um Império constituído por um fluxo de redes, humanas, culturais, religiosas, económicas, como o tinha sido a talassocracia fenícia, e o será o Império português, nomeadamente no Oriente. Esta ideia foi, para mim, iluminadora, como esquema interpretativo global. Sempre creditando ao seu autor o mérito da descoberta – ou, pelo menos, de uma sua modelização expressa –, utilizei largamente este modelo, tendo-os eventualmente enriquecido – segundo penso – com uma dimensão jurídica e política mais detalhada e mais explícita, enformada por uma ideia – essa mais minha – de uma estrutura corporativa das entidades políticas de Antigo Regime. Historiadores de gerações seguintes têm voltado a utilizar o modelo, aproveitando ainda mais suas enormes virtualidades. E isto é frequentemente verdade, até por parte daqueles que aparentemente o contestam.

A criação de um modelo explicativo tão eficiente apenas é possível para quem domine muito bem a miríade de detalhes sobre uma determinada conjuntura histórica; é isso que acontece com Luís Filipe Thomaz. A sua cultura sobre história portuguesa, a sua enorme informação sobre história local dos mundos do Oriente, o seu conhecimento das línguas locais e a exploração que isso lhe permite de outras fontes históricas, tudo isto são os elementos de uma sabedoria ímpar que todos facilmente lhe reconhecem.

Outras das suas pré-compreensões são para mim menos evidentes. Refiro, a título de exemplo, a sua insistência num projecto imperial manuelino; mas, sobretudo, a sua ideia – aparentemente de inspiração luso-tropicalista – de uma convivialidade inter-religiosa e cultural, peculiar ao ultramar português.

O saber enciclopédico combina-se, em Luís Filipe Thomaz, com uma inquietude de espírito e com uma sociabilidade académica que, porventura, acabaram por o impedir de produzir uma carreira académica e uma obra científica tão linearmente estruturada como alguns esperariam. Não tenho sobre este ponto uma ideia negativa formada; penso, apenas, que a entusiástica dispersão do seu espírito e a consequente incompletude formal da sua carreira académica, além de o expor em maior grau aos acessos de inveja e mesquinhez que o meio universitário tão bem conhece, privou a Universidade portuguesa de uma sua posição institucional que, frequentemente, muita falta lhe fez. Tudo isto são, no entanto, produtos de uma menor grandeza, não deste Colega e Amigo, mas do ambiente acanhado, pouco generoso e menos cosmopolita que caracteriza algumas zonas da comunidade académica no nosso país.

ANTÓNIO MANUEL HESPANHA